

O SHABAT ENTÃO E AGORA: ALGUMAS REFLEXÕES

Saul KIRSCHBAUM,

Doutor em Letras pela USP, Pós-doutor pela Unicamp, Pesquisador independente. Líder do Grupo de Pesquisa Relações entre judaísmo e cristianismo – desencontros e aproximações do CCDEJ.

Resumo

O povo judeu recebeu a obrigação de santificar e observar o *shabat* por ocasião da grande epifania do Monte Sinai, o recebimento da *Torá* por Moisés, há cerca de quatro milênios. Desde então, o conceito do *shabat* bem como o cumprimento de seus preceitos vêm sofrendo transformações, de acordo com as condições sociais, econômicas e políticas às quais a nação foi submetida ao longo de sua história, bem como com as diferentes visões de mundo elaboradas por rabinos e filósofos representantes de diversas correntes de pensamento. O artigo busca estabelecer um panorama dessas evoluções, em tempos bíblicos, nos séculos pós-bíblicos da elaboração do *Talmud*, na Península Ibérica medieval, e na contemporaneidade, sempre segundo olhares racionalistas e místicos.

Palavras-chave: Judaísmo, Bíblia Judaica, Festivais religiosos, Shabat.

Abstract

The Jewish people was obliged to sanctify and observe Shabbat on the occasion of the great epiphany of Mount Sinai, the reception by Moses of the Torah, about four millennia ago. Since then, the concept of Shabbat as well as the fulfillment of its precepts has undergone changes, according to the social, economic and political conditions to which the nation has been subjected throughout its history, as well as with the different worldviews elaborated by rabbis and philosophers representing different currents of thought. The article seeks to establish a panorama of these evolutions, in biblical times, in the post-biblical centuries of the elaboration of the Talmud, in the medieval Iberian Peninsula and in contemporary times, according to rationalist and mystical perspectives.

Keywords: Judaism, Jewish Bible, Religious festivals, Shabbat.

Considerações iniciais

*Pois o Schabat é um dia de harmonia e paz,
paz entre homem e homem, paz dentro do
homem e paz com todas as coisas. No
sétimo dia o homem não tem o direito de
intrometer-se com o mundo de Deus, de
mudar o estado das coisas físicas.*

Abraham Joshua Heschel

É provável que a instituição pelos judeus do dia de descanso semanal tenha tido sua origem em conquistas sociais. Scliar (2020, p. 55), por exemplo, registra que “na Babilônia havia um dia determinado para descanso, mas ele era anual, ou esporádico”. Os hebreus, por sua vez, “adotam o rito permanente, contínuo, pelo respeito ao sábado”. E Scliar (2020, p. 54), conclui que “distintos dos demais códigos legais orientais, inclusive do Hamurabi, o Decálogo é revolucionário, quando decreta observar o sábado como dia de absoluta abstenção de qualquer trabalho. Destaca, ainda, o espanto das potências dominadoras em relação a esse estranho costume: “Quando gregos e romanos ocupam Israel, fazem troça de muitos preceitos judaicos. Assim como as tropas, também historiadores e filósofos gregos ou romanos não compreendiam o caráter de resguardo do sábado”. Não obstante, ele observa, “a palavra *shabat*¹ é a única do calendário semanal hebreu que foi adotada latinizada no ocidente” (SCLIAR, 2020, p.55).

A instituição, no entanto, transcende sua característica social de pausa para descanso, para recuperação das condições de trabalho e adquire valor teológico, quando inserida no Pentateuco, na ocasião em que, fugindo da escravidão no Egito, o povo judeu, na pessoa de Moisés, recebe o Decálogo no alto do Sinai. No texto que segue, procuramos estabelecer um panorama cobrindo o conceito e a prática das injunções relacionadas ao *shabat*, desde sua instituição no Decálogo, até a contemporaneidade.

Êxodo (20:8-11) traz:

Estejas lembrado do dia de sábado para santificá-lo. Seis dias trabalharás e farás toda tua obra, e o sétimo dia é o sábado do Eterno, teu Deus; não farás nenhuma obra – tu, teu filho, tua filha, teu servo, tua serva, teu animal e teu peregrino que estiver em tuas cidades; porque em seis dias fez o Eterno os céus e a terra, o mar e tudo o que há neles, e repousou no sétimo dia; portanto, abençoou o Eterno o dia de sábado e santificou-o.

e Deuteronômio, ao recapitular o Decálogo (5:12-15):

Guardarás o dia do Shabat para santificá-lo, como te ordenou o Eterno, teu Deus. Seis dias trabalharás e farás toda tua obra, e o sétimo dia é o sábado do Eterno, teu Deus; não farás nenhuma obra – tu, teu filho, tua filha, teu servo, tua serva, teu boi, teu jumento, teu

1 Adoto a grafia *shabat*. Não obstante, aceito a forma utilizada pelos autores citados, como *shabat*.

animal, teu prosélito que estiver em tuas cidades – para que descansem teu servo e tua serva bem como tu. E lembrarás que servo foste na terra do Egito, e que de lá te tirou o Eterno, teu Deus, com mão forte e com braço estendido; portanto te ordenou o Eterno, teu Deus, para fazer o dia de sábado.

Há grande semelhança entre estes dois textos. Note-se, no entanto, uma diferença fundamental, que numa primeira leitura poderia passar despercebida: em Êxodo a santificação do *shabat* está ligada à criação do universo, enquanto que em Deuteronômio a motivação procede da libertação dos hebreus da escravidão no Egito. No primeiro, destaca-se a potência de Deus para criar o universo, enquanto no segundo é enfatizada sua capacidade de manter a aliança estabelecida com os patriarcas.

Referindo-se à versão de Êxodo para ressaltar a importância, para os hebreus, de observar o *shabat*, Chouraqui observa que

O ritmo principal do ano hebraico é o sábado: o sétimo dia da semana. Esta instituição original no mundo antigo certamente remonta ao passado mais antigo das pessoas, que assim combinam a conclusão da criação divina e o descanso do Criador com o de seu povo ao final dos seis dias de trabalho. O respeito pelo descanso sabático é pregado com insistência na Torá e pelos Profetas: é o tema da pregação dos sacerdotes e levitas que vêem nele o próprio símbolo da fidelidade à ordem sobrenatural estabelecida por YHWH para seu povo. (CHOURAQUI, 1978, p. 142-143, tradução minha)

No entanto, não se sabe ao certo como era entendida, na época do Pentateuco, a injunção “não farás nenhuma obra”. O que, exatamente, era “uma obra”? Há consenso em entender como atividades não permitidas todas aquelas relacionadas com a construção do Santuário no deserto, tal como acender fogo, pregar pregos ou transportar qualquer coisa do domínio privado para o domínio público. Mais tarde, o *Talmud* relacionará detalhadamente o que, na opinião dos sábios, não deveria ser feito no *shabat*.

Mas o *shabat* não consiste apenas de proibições; de fato, traz para o povo o mandamento de dedicar-se a atividades, que diferenciam o sábado dos demais dias da semana, em vista de uma fruição mais aprazível. Conforme explica Attias, o próprio ritual da sinagoga, relativo à leitura da Torá, é diferenciado neste dia:

No decorrer de uma semana normal, o Sefer Torá é retirado quatro vezes da Arca Sagrada onde é guardado: nos serviços da segunda-feira de manhã, quinta-feira de manhã, sábado de manhã e sábado à tarde. Na segunda e na quinta, os primeiros versos da perícopes² da semana são lidos em voz alta, e este ritual dá origem à convocação de três crentes. Na manhã de sábado, em um ponto-chave do serviço – na verdade, em seu próprio cerne e clímax – toda a perícopes é lida em voz alta, com a convocação de sete crentes. E no sábado à tarde há uma leitura semelhante à praticada na segunda e quinta-feiras, exceto que os primeiros versos da perícopes da semana seguinte são lidos em voz alta, de modo que um *shabat* se junte a outro com antecedência e garanta a continuidade de um ciclo que abrange o ano inteiro e todo o Pentateuco. (ATTIAS, 2015, p. 40, tradução minha)

Mais adiante, o mesmo autor, enfatizando a relevância do conceito de santificação do *shabat*, registra sua conexão com as tábuas de testemunho – as pedras contendo a Torá que Moisés recebeu de Deus no Sinai -, que (ATTIAS, 2015, p. 40-41) “o grande valor simbólico das tábuas fez com que houvessem muitas interpretações midráshicas de seu material, tamanho, forma, peso e conteúdo. De acordo com algumas tradições, elas estavam entre as coisas criadas na véspera do primeiro *shabat* da Criação”. Ainda para Attias (2015, p. 207), “imprimindo, como o faz, um particular ritmo ao tempo judaico, o *shabat* não é apenas o dia em que certas atividades são proibidas; é antes de tudo o dia da alegria, do prazer valorizado e positivamente buscado. Ele prefigura e anuncia a redenção que está por vir”. Como veremos adiante, a mística judaica fará ligações concretas entre o *shabat* e a Redenção.

Com a passagem do tempo, no entanto, e a influência de fatores exógenos, a importância do *shabat* no cotidiano do povo judeu foi sendo negligenciada, verificando-se um afastamento da observância de suas injunções. De fato, o contato com a civilização grega tinha deixado marcas irreversíveis. Guinsburg (2004, p. 241) assinala que

2 Perícopes: termo grego que significa “cortar ao redor”, ou seja, uma parte destacada de um texto para ser analisada e estudada em separado. No ritual judaico, *parashá*, o trecho da Torá correspondente à leitura de cada semana.

O *Livro dos Jubileus*,³ por exemplo, lança uma luz particularmente crítica sobre a conjuntura ético-religiosa decorrente do relacionamento intenso com os gregos e da ação continuada de seu helenismo pagão, verberando a propagação de seus padrões e costumes, suas crenças e concepções entre o judaísmo eretz-israelense, que teria passado, na geração em tela, a desrespeitar os mandamentos e os sábados, os rituais e as práticas prescritas pela Torá.

Há evidência adicional de que na época do segundo Templo os mandamentos referentes à santificação do *shabat* nem sempre eram observados com muito rigor. O historiador Flávio Josefo, que viveu na Judeia de 37 ou 38 e.c. até cerca do ano 100 – ou seja, na vigência da dominação romana –, divide o povo judeu em três grandes grupos ou seitas: os saduceus, os fariseus e os essênios. Ele mesmo de família sacerdotal e fariseu por opção, Josefo teve muito contato com os essênios, entre os quais viveu, e suas obras são importante fonte de conhecimento deste grupo, que, certamente, era minoritário. A visão de mundo, costumes e práticas desta seita ocupam muitas páginas de suas obras. Os comentários do historiador a respeito da observância do *shabat* pelos essênios vão ao encontro da observação acima e dão a entender os detalhes do mandamento que não eram seguidos muito estritamente por saduceus e fariseus. No capítulo VIII, item 9, de *As guerras dos judeus*, por exemplo, Josefo registra, a respeito deste grupo que

Além disso, eles são mais rígidos do que quaisquer outros judeus no descanso de seus labores no sétimo dia; pois não apenas preparam a comida no dia anterior, para que não sejam obrigados a acender fogo naquele dia, mas também não tirarão qualquer vasilha do seu lugar, nem irão fazer suas necessidades ali. (JOSEPHUS, 1957 p. 675, tradução minha)

O período que se seguiu ao primeiro exílio, ou seja, o retorno de Babilônia a partir do ano 538 aec, porém, já havia trazido em seu bojo uma profunda reavaliação das práticas do judaísmo, obrigado a reinventar-se. O longo período de exposição da elite à cultura babilônica e depois persa, bem como a permanência de grande parte do povo na terra de origem, sem orientação religiosa, obrigou a nova liderança a tomar

3 O *Livro dos Jubileus* (ou *Pequeno Gênesis*) é um texto apócrifo que relata a história da criação do mundo e de Adão e Eva até logo após a queda. Também narra a história dos personagens bíblicos encontrados em Gênesis, com detalhes adicionais, principalmente com relação aos três patriarcas de Israel, até o nascimento de Moisés. Acredita-se que foi escrito em hebraico no século II aec. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Livro_dos_Jubileus, consultado em 21/01/2021.

medidas drásticas. Entre estas práticas revistas, certamente, está a observância do *shabat*, que ganha importância redobrada. Nas palavras de Chouraqui,

A importância do sábado aumentaria na era pós-exílica, e sua legislação seria consideravelmente reformada e agravada.

Este dia se tornaria, com a Bíblia que promulgava a ordem, a verdadeira pátria do povo expulso de sua terra. O *shabat* foi, muito cedo, a festa de Israel por excelência. É o próprio sinal da Aliança que coloca o povo em obediência a Deus e sua Torá. Baseia-se no dever de imitar a Deus, que descansa depois de criar o mundo. Mas seu significado humano, social e cósmico é claramente sublinhado, em memória da escravidão do Egito e da libertação que a encerrou. Pelo *shabat*, o lazer é, pela primeira vez, considerado como uma categoria metafísica que apresenta os fins últimos da humanidade, cujas realizações finais ele prefigura.

O dia de descanso é consagrado à alegria em Deus, à oferta de sacrifícios, à educação do povo, à pregação de sacerdotes e mestres. Ele é obrigatoriamente ocioso: o trabalho e as transações são completamente suspensos nesta festa que constitui, como a circuncisão de dias ou o dízimo de semanas: o hebreu e o estrangeiro, o cidadão e o meteco, animais e coisas, a própria natureza estão sujeitos à sua ordem. (CHOURAQUI, 1978, p. 142, tradução minha)

A centralidade do *shabat* na época pós-exílica pode ser atestada pelo comentário de Eliav (2009, p. 12), ao assinalar que o modo de vida judaico neste período era baseado em um tripé composto por:

1. O *shabat*, o sétimo dia da semana, no qual o trabalho era proibido, um dia devotado à oração, festas familiares e descanso;
2. Leis dietéticas, que proibiam certos alimentos, em particular tipos específicos de carne, especialmente porco, ingrediente comum na dieta romana;
3. Circuncisão. (Tradução minha)

Referindo-se ao mesmo período, pós-exílico, Kippenberg acentua a componente social das novas prescrições, entre as quais inclui o *shabat*, reconhecendo a necessidade imperiosa de provisões para atenuar os efeitos da profunda divisão de classes que se instalara, conforme expõe o livro de Neemias:

Que a tradição é expressão de um interesse, que se tem, em fazer valer determinados costumes, pode-se reconhecer em particular pelo fato de que a restrição da penhora, em Neemias cap. 5, bem como a contribuição do dízimo para os levitas, em Ne 13,10, a proibição de negociar aos sábados (13,15), como também a proibição do casamento [com estrangeiros] (13,23) devem ser mantidas contra os

interesses aristocráticos. A reunião destas quatro prescrições, às quais se pode acrescentar o descanso da terra de sete em sete anos, deve-se, é claro, à resistência contra a tendência da aristocracia de se desligar de instituições religiosas e segmentárias da sociedade judaica.

O conceito “povos da terra” aparece na literatura pós-exílica em diversas formas e designa todos aqueles grupos de povos que não pertencem à comunidade que está de volta do exílio: azotitas, amonitas, moabitas, etc. A proibição de casar com estrangeiros apoiava-se em Ex 34,16 e Dt 7,3. W. Rudolph vê, como escopo deste preceito, motivos religiosos e racistas. Parece-me mais provável que estes preceitos fossem contra as tendências socialmente desintegradoras, que enfraqueceriam as relações de solidariedade dentro do povo israelita. A proibição de negociar aos sábados apoiava-se no mandamento geral veterotestamentário do descanso sabático. Além disso, Amós (8,5) inclui o sábado entre os dias nos quais o comércio era proibido. (KIPPENBERG, 1988, p. 66-67)

Como é da essência da religião judaica, a abertura para a interpretação dos livros sagrados, a possibilidade de serem sempre propostas novas respostas⁴, num esforço de adequação a novas realidades, também o conceito do *shabat* passou por evoluções ao longo do tempo. Como vimos antes, isso parece ter acontecido já entre a redação do Êxodo e a do Deuteronômio. Na grande obra literária judaica pós-bíblica, o *Talmud*, a importância da instituição do dia de descanso se evidencia desde logo no fato de que *Shabat* é o nome do primeiro tratado da segunda seção, *Moed* (“Festividades”), da *Mishná* e da *Gemará*, tratado que lida com as leis e práticas relativas à observância do sábado judaico, *shabat* em hebraico. O tratado concentra-se primariamente nas categorias e tipos de atividades não permitidas no *shabat*, totalizando 39 proibições, de acordo com interpretações de muitos versículos da Torá, notadamente Êxodo 20:9-10 e Deuteronômio 5:13-14.

A *Mishná* e a *Gemará* não medem esforços para definir cuidadosamente e determinar com precisão a observância do *shabat*. O tratado é, por isso, um dos mais longos em termos de capítulos na *Mishná* e de páginas de fólio na *Guemará*. Compreende 24 capítulos e tem uma *Guemará* – análise rabínica e comentários sobre a *Mishná* – tanto no *Talmud* Babilônico quanto em todos, exceto nos quatro últimos capítulos do *Talmud* de Jerusalém.

4 Desde que não contrariem disposições anteriores; assim, por exemplo, o *Talmud* não pode modificar o disposto na Bíblia hebraica, e a *Gemará* (segunda parte do *Talmud*) não pode se opor à *Mishná* (primeira parte do *Talmud*).

A *Mishná* foi concluída em torno do ano 189 e.c.; o *Talmud* da Palestina teve sua redação interrompida no ano 351; e a conclusão do *Talmud* da Babilônia ocorreu em 473 ou 499⁵. Sete séculos depois, o rabino, filósofo, legislador e médico Moshé ben Maimon, ou Maimônides, ou ainda Rambam, nascido na Península Ibérica medieval (Córdoba, 1138 – Fostat, 1204), constatou que o *Talmud* era ainda conhecido apenas por uma pequena elite intelectual. Isto o levou a publicar, entre 1170 e 1180, a obra *Mishné Torá*, título que poderia ser traduzido como “Repetição da Torá” ou “Revisão da Torá”. Consiste em uma coleção de livros que contêm uma compilação de todas as opiniões existentes (até o momento em que foi escrita) sobre a lei judaica, a partir das discussões do *Talmud* e dos sábios posteriores.

Em outra obra, *Os 613 Mandamentos*, Maimônides sistematiza todos os mandamentos positivos (“fazer”) e negativos (“não fazer”) contidos na Bíblia. Segundo ele, dois dos 248 mandamentos positivos se referem ao *shabat*:

154 – Descansar no *Shabat*: Por este preceito somos ordenados a descansar no *Shabat*. Ele está expresso em Suas palavras “E no sétimo dia descansarás” (Êxodo 34:21), e está repetido várias vezes; o Enaltecido nos diz que descansar de todo trabalho é uma obrigação aplicável a nós, a nosso gado, e a nossos empregados. As normas deste preceito estão explicitadas no Tratado *Shabat* e no Tratado *Yom Tob*.

155 – Proclamar a santidade do *Shabat*: Por este preceito somos ordenados a recitar determinadas palavras no início e no final do *Shabat*, mencionando a grandeza e a alta nobreza do dia, e a diferença desse dia com relação aos dias da semana que o precedem e os que o sucedem. Este preceito está expresso em Suas palavras, enaltecido seja Ele, “Estejas lembrado do dia de sábado para santificá-lo” (Êxodo 20:8): ou seja, comemorá-lo proclamando sua santidade e sua grandeza. Este é o preceito de “Kidush”, santificação. A *Mekhiltá* diz: “Estejas lembrado do dia de sábado para santificá-lo’: santificá-lo com uma benção”. E os sábios dizem explicitamente: “Recorda-o sobre o vinho”, e também: “Santifica-o na sua chegada e na sua partida”, referindo-se à “habdala”, que faz parte de recordar o *Shabat* como nos foi ordenado. As normas deste preceito estão explicadas no final de *Pessahim* e em vários trechos de *Berakhot* e de *Shabat* [tratados talmúdicos].

Conterrâneo e quase contemporâneo de Maimônides, o rabino, médico (e poeta) lehudá ben Shmuel Halevi (Toledo ou Tudela, 1075 - Jerusalém, 1141) compôs

5 O *Talmud de Jerusalém* é a reunião da *Mishná* com a *Guemará* escrita na Palestina; o *Talmud da Babilônia* é a reunião da *Mishná* com a *Gemará* redigida na Babilônia. Quando se diz simplesmente *Talmud*, a referência é ao *Talmud da Babilônia*.

sua obra prima, *O Kuzarí*, entre c.1120 e c.1140. Seu subtítulo é “Livro de argumentação e prova em defesa de uma religião desprezada”. Trata-se, pois, de uma apresentação do judaísmo em bases filosóficas, racionais. Conta uma lenda que quatro séculos antes o rei dos Cazares, povo da Europa oriental, chamara representantes do islamismo, do cristianismo e do judaísmo, para que tentassem convencê-lo da verdade de suas respectivas religiões, de forma que o rei pudesse escolher uma delas para o seu povo. Após dialogar com o rabino, que baseou sua argumentação em história, tradição e senso comum, o rei adotou o judaísmo. Em *O Kuzarí*, Halevi baseia-se no diálogo do rei com o rabino. Vale a pena vermos o que diz o autor, nessa apresentação, sobre o *shabat*:

- a) A melancolia que se acumula sobre a luz da alma durante os dias da semana não pode ser desfeita exceto no dia do descanso dedicado exclusivamente ao Serviço Divino.
- b) A importância do *Shabat* deve-se a: 1) Deus ter se absterido de criar neste dia; 2) O Maná não ter caído neste dia; 3) Os judeus receberam-no como mandamento específico.
- c) A observância do *Shabat* é o reconhecimento da Criação do Universo manifestado em ação, e ela aproxima a pessoa a Deus mais do que a reclusão e a abstinência.
- d) O *Shabat* é uma lembrança do Êxodo do Egito e dos seis dias da Criação.
- e) No *Shabat*, é como se a alma dos justos fosse curada dos males que lhe ocorreram, imunizando-os para o futuro.
- f) O *Shabat* eleva os judeus durante a *Galut* (Diáspora).
- g) Durante o *Shabat*, os judeus ficam imersos num descanso de corpo e alma, o que não ocorre com as nações, por não terem um dia de descanso absoluto. (HALEVI, 2003, p. 33-34).

Como assinalamos acima, sempre houve correntes místicas no judaísmo, nas quais o *shabat* seguidamente ocupava um papel de destaque, muitas vezes, associado ao conceito de Redenção. O rabino Gikatilla (1994, p. 73), por exemplo, nascido na Espanha em 1248, informa em sua importante obra cabalística *Sha'are Orah* (“Portões de Luz”) que: “Como os rabinos disseram, se Israel mantivesse um *shabat* de acordo com a Lei, ele seria redimido imediatamente”.

Mas até a ocorrência da expulsão da Espanha em 1492, depois de um milênio de permanência dos judeus na Península Ibérica, a importância dessas correntes era reduzida. Aliás, vale a pena lembrar que nos esforços da Inquisição, tanto espanhola

quanto portuguesa, de combate às “heresias” judaizantes, as manifestações de atividades relacionadas ao *shabat* (e também a outros costumes judaicos) eram consideradas evidência de criptojudaísmo. Esta situação resultou em novas modificações na prática da observância do *shabat*, de parte destas comunidades, uma vez que não podia ocorrer abertamente.

A necessidade de encontrar explicações para a grande catástrofe motivou a proliferação de escolas místicas, que procuraram versões cosmogônicas para ela. Uma das mais importantes foi a do rabino Isaac Luria (Jerusalém, 1534 – Safed, 1572), em Safed, que elaborou a doutrina do exílio da *Schekhiná* (presença divina), apontando para o papel do homem como parceiro de Deus no processo da Redenção, o *Tikun Olam*, conserto do mundo, através do resgate das centelhas divinas caídas.

Essas construções teóricas implicaram em uma reelaboração de diversos conceitos e práticas judaicas, entre os quais o *shabat*, que veio a ser incluído na teurgia.⁶ Nas palavras de Moshe Idel, historiador e filósofo da mística judaica,

Finalmente, uma versão diferente da teurgia do aumento é encontrada num texto cabalístico muito difundido, o cântico para a refeição matutina do *schabat*, composto por R. Isaac Luria. Este cabalista indica que “suas hostes multiplicar-se-ão grandemente e ascenderão à Deidade”. O peculiar neste tipo de apresentação não é somente sua asserção de que o poder divino é aumentado aparentemente pelo cumprimento do ritual do *schabat*, mas também sua visão da ascensão do poder. (IDEL, 2000, p. 246)

Por fim, como deve o *shabat* ser vivenciado na contemporaneidade? Segundo o rabino Heschel, importante pensador judeu do século vinte, devemos considerar o *shabat* como uma oportunidade de nos afastarmos da civilização técnica, para estabelecermos um armistício com nossos semelhantes e com as forças da natureza. Uma visão que poderia ser considerada existencialista. Em suas próprias palavras,

Separar um dia da semana e destiná-lo à liberdade, um dia no qual não usaríamos os instrumentos que têm sido tão facilmente transformados em armas de destruição, um dia para estarmos conosco, um dia de separação do vulgar, de independência de obrigações externas, um dia em que nós deixamos de adorar ídolos da civilização técnica, um dia em que não usamos dinheiro, um dia de

6 Teurgia (do grego antigo: *theourgia*) descreve a prática de rituais, às vezes vistos como de natureza mágica, realizados com a intenção de invocar a ação ou evocar a presença de uma ou mais divindades, especialmente com o objetivo de alcançar a *henose* (união com o divino) e se aperfeiçoando. (Disponível em https://search.yahoo.com/yhs/search?hspart=ddc&hsimp=yhs-linuxmint&type=__alt__ddc_linuxmint_com&p=teurgia, consultado em 20/01/2021, tradução minha.)

armistício na luta econômica com nossos semelhantes e com as forças da natureza – existe alguma instituição que oferece esperança maior para o progresso do homem do que o *Schabat*? (HESCHEL, 2019, p. 40-41)

Na opinião de Heschel (2019, p. 15), a santidade do *shabat* é comparável à do *lom kipur*, o dia do perdão: “Os *Schabatot* são nossas grandes catedrais; e nosso Santo dos Santos é um relicário que nem os romanos nem os alemães foram capazes de queimar; um relicário que sequer a apostasia pode facilmente obliterar: o Dia da Expição”. Não é para menos que os judeus se cumprimentam, neste dia, com a expressão “*shabat shalom*”: paz no sábado.

Considerações finais

Com o advento da modernidade e o deslocamento de uma visão de mundo teocêntrica para uma antropocêntrica, parcela significativa do povo judeu começou a se afastar de um modo de vida definido pela prática religiosa, a tal ponto que “judaísmo” não mais se confunde com “religião judaica”. Não obstante, o *shabat* é uma instituição concebida e implementada pelo povo judeu há cerca de quatro milênios, consistindo, essencialmente, na interrupção semanal ritualizada do regime de trabalho, e, nesta condição, foi adotada, modernamente, pela totalidade das nações civilizadas.

É importante frisar que para os judeus esta interrupção não tem como objetivo simplesmente o restabelecimento das condições físicas dos trabalhadores. Para Heschel (2019, p. 24), “O *Schabat* é um dia dedicado ao bem da vida. O homem não é uma besta de carga e o *Schabat* não tem a finalidade de melhorar a eficiência de seu trabalho”.

Em sua essência, segundo o filósofo, o *shabat* estabelece a relevância da dimensão do tempo. Em suas próprias palavras (HESCHEL, 2019, p. 15), “O judaísmo é uma *religião do tempo* visando a *santificação do tempo*”. Isto porque “o mundo não pode ser visto exclusivamente *sub specie temporis*.⁷ Tempo e espaço estão inter-relacionados. Passar por cima de qualquer deles é ser parcialmente cego”. E, por fim:

⁷ Latim, “sob a forma de tempo”.

“A Bíblia preocupa-se mais com o tempo do que com o espaço. Ela vê o mundo na dimensão do tempo”.

Como vimos ao longo do texto, a instituição do *shabat* se mantém praticamente inalterada desde sua outorga até a contemporaneidade, sobrevivendo a catástrofes como exílio, dominação por potências estrangeiras, perseguições e tentativas de extermínio.

Referências

ATTIAS, Jean-Christophe. **The Jews and the Bible**. Tradução do francês de Patrick Camiller. Stanford: Stanford University Press, 2015.

CHOURAQUI, André. **La vie quotidienne des hommes de la Bible**. Paris: Hachette, 1978.

ELIAV, YARON Z. “Secularism, Hellenism, and Rabbis in Antiquity” in *GITELMAN, ZVI (org.). Religion of Ethnicity? Jewish identities in evolution*. New Brunswick: New Jersey: London: Rutgers University Press, 2009, p. 7-23.

GIKATILLA, Joseph ben Abraham. **Gates of light**. Tradução para o inglês de Avi Weinstein. New York, HarperCollins Publishers, 1994.

GUINSBURG, Jacó. “Qohélet, o-que-sabe-que-não-sabe” in *Haroldo de Campos, Qohélet = O-que-sabe: Ecclesiastes: poema sapiencial*. São Paulo: Perspectiva, 2004, p. 233- 243.

HALEVI, I. **O Cuzari**. Tradução de Paulo Rogério Rosenbaum. São Paulo: Sêfer, 2003.

HESCHEL, Abraham Joshua. **O Schabat: seu significado para o homem moderno**. Tradução Fany Kon e J. Guinburg. São Paulo: Perspectiva, 2019.

IDEL, Moshe. **Cabala: novas perspectivas**. Tradução de Margarida Goldsztajn. São Paulo: Perspectiva, 2000.

JOSEPHUS, Flavius. “The wars of the Jews” in **The life and works of Flavius Josephus**. Tradução para o inglês de William Whiston. Philadelphia: The John C. Winston Company, 1957, p. 604-857.

KIPPENBERG, Hans G. **Religião e formação de classes da antiga Judéia: estudo sociorreligioso sobre a relação entre tradição e evolução social**. Tradução de João Aníbal G. S. Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1988.

MAIMÔNIDES. **Os 613 Mandamentos**. Tradução de Giuseppe Nahaïsse. São Paulo: Nova Stella, 1990.

SCLIAR, Wremyr. “O sistema jurídico na Bíblia Hebraica e seu legado para a humanidade” in **Revista Devarim** ano 15 num. 43, dezembro de 2020, p. 53-56.

Torá – A lei de Moisés. Tradução de Meir Matzliah Melamed. São Paulo: Sêfer, 2001.